

# VALORIZAÇÃO QUE OS ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO FAZEM ACERCA DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Jesús Molina Saorín, Universidad de Murcia –Espanha.

Francisco Javier Trigueros Cano, Universidad de Murcia.

Pedro Miralles Martínez, Universidad de Murcia.

Rui Manuel Nunes Corredeira, Universidade do Porto –Portugal

XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica  
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO  
15 a 18 de Julho de 2011  
Universidade do Minho, Braga, Portugal

## Introdução

No processo de avaliação na matéria de geografia, história e ciências sociais dos cursos finais da educação obrigatória (3º e 4º), é costume ter em consideração a opinião dos alunos? Sendo a resposta afirmativa, com que finalidade?; É este um aspecto importante no processo de avaliação?; Será que os professores se preocupam em conhecer aquilo que os alunos sabem acerca da avaliação? ;Serão ambos co-responsáveis por este processo?; Estarão em consonância com as classificações que obtém?; É a estas e outras questões que pretendemos das resposta através de um estudo que relaciona as classificações obtidas pelos alunos e os resultados por eles esperados, em função de variáveis tais como: o tempo dedicado ao estudo; importância da matéria; tipo de provas e conteúdos das mesmas.

Para conhecer as possíveis respostas às questões anteriores construímos um instrumento de recolha de informação que nos permitiu conhecer a relação e consequências entre os procedimentos de avaliação, a prova enquanto instrumento principal de qualificação, a informação que os alunos têm acerca os critérios de classificação do instrumento e a classificação final obtida e aquela que seria esperada pelo aluno.

Este trabalho insere-se dentro de um projecto de investigação<sup>1</sup> financiado pela “Fundación Séneca” da Comunidade Autónoma de Múrcia (Espanha). Trata-se de um estudo experimental, recorrendo a

---

<sup>1</sup> Este trabalho é o resultado do projeto de pesquisa intitulado "Critérios, procedimentos e instrumentos para avaliação dos conteúdos das disciplinas de Geografia e História no segundo ciclo do ensino secundário" (08668/PHCS/08), financiado pela Fundação Seneca (Agência de Ciência e Tecnologia na Região de Múrcia) no programa PCTRM II 2007-2010..

metodologia quantitativa, desenvolvida com os alunos anteriormente referidos (3º e 4º ano) da região de Múrcia. A escala é composta por vários itens agrupados em diferentes factores e tem o nome genérico de Escala de Percepção de Geografia e História (EPEGEHI-1). Este instrumento que construímos e validamos, pretende recolher as impressões dos alunos dos últimos dois cursos de educação obrigatória acerca dos aspectos que intervêm na avaliação da matéria de Ciências Sociais, Geografia e História; realizamos o estudo durante o ano académico de 2009/2010, com uma amostra superior a mil alunos pertencentes a onze escolas secundárias da região de Múrcia.

Os dados obtidos permitirão realizar uma aproximação aquilo que realmente acontece nas avaliações dos conteúdos geográficos e históricos e as tarefas inerentes às obrigações académicas dos alunos e à relação com os resultados obtidos nas classificações e qualificações de Ciências Sociais, Geografia e História. Esta pesquisa, além de considerar a opinião dos alunos, no seu conjunto, permitirá conhecer também, desde a perspectiva dos professores e inspetores de educação, a natureza e características das avaliações realizadas pelos docentes (critérios de avaliação e classificação, técnicas de avaliação, periodicidade e número de provas, tipologia e variedade das perguntas, etc.)

## **Fundamentação**

A obtenção e uso de dados acerca de outras vias e elementos que nos podem fornecer dados ao processo avaliador, constitui um material de grande qualidade para compreender melhor a realidade das nossas aulas e entender melhor os “porquês” dos resultados académicos em Ciências Sociais, bem como o grau de co-responsabilidade nos mesmos por parte dos alunos. Desta forma, seria possível formular propostas e mudanças, no caso, para a melhoria educativa.

Enquadra o trabalho é fundamental para compreender como chegámos até aqui. Com a LOGSE (1990), a avaliação obteve uma importância vital no currículo do sistema educativo espanhol, seguramente porque nessa altura estava conceptualizada (pelo menos no plano teórico), um processo de diálogo, compreensão e melhoria (Santos, 1993). Com a implantação da LOE (2006), tenta chegar-se mais a frente, introduzindo o conceito de competências e ampliando-se, claramente, o seu campo de acção, abarcando três grandes âmbitos de actuação: as aprendizagens dos alunos, os processos de ensino e a própria prática docente. No obstante, foi atribuído ao professor a responsabilidade de emitir esse juízo sobre o rendimento do aluno e criar um juízo único para

---

decidir acerca da avaliação, classificação, promoção, etc. Sem dúvida, esta situação é excessivamente familiar. Porém, quantas vezes perguntamos aos nossos alunos se concordam com as classificações obtidas?; o se a nota era aquela que esperavam ou mereciam e porquê?; se acreditam que os instrumentos que utilizamos realmente servem para avaliar as suas aprendizagens?; se sabem que elementos vão ter em conta para a sua nota final?; se sabem para que é que avaliamos... As respostas relacionam-se com a pergunta seguinte: devem os nossos alunos intervir nos processos de avaliação? Estas e outras questões poderiam servir para conferir outro sentido a avaliação dos alunos; por este motivo, a traves deste estudo tentámos recolher informação e fornecer algumas conclusões sobre a avaliação das aprendizagens dos alunos, tendo em conta as suas impressões, os instrumentos utilizados e as informações que provém do seu conhecimento.

Dada a repercussão social e académica da avaliação nos últimos tempos, converteu-se num tema recorrente, tanto no debate didáctico como nas preocupações dos distintos níveis que integram a vida escolar, sobretudo nestes últimos cursos da ESO, pois ajudam a orientar a comunidade educativa acerca do itinerário académico e profissional que os alunos devem seguir. Por tanto, e possível afirmar, nesta perspectiva, que aquilo que se avalia determina o que se ensina e o que os alunos estudam e aprendem como sendo aquilo que consideram como relevante na avaliação. E também as seguintes perguntas: avaliam-se apenas conteúdos?; os instrumentos da avaliação são coerentes com a metodologia utilizada e com os objectivos e conteúdos propostos?.

Ainda que existam algumas investigações como as de Fuentes (2003 e 2004) ou Cercadillo (2001, 2002 e 2004), que tratam as ideias acerca da história que os estudantes da educação secundaria têm, há que sublinhar a escassez de investigações sobre as concepções dos alunos acerca da avaliação. No obstante, convém ressaltar alguns estudos e reflexões acerca da avaliação na área das ciências sociais, tais como as de López (1993, 1994 e 1997), Merchán (201, 2002, 2005 e 2007), Insa (2008) e Trepas e Insa (2008), entre outros. Concretamente López (1997), com base numa análise da prática docente dos professores de Geografia e História do ensino secundário, estudou os procedimentos metodológicos e da avaliação estabelecidos, incidindo num uso quase exclusivo do livro de texto como material didáctico.

Relativamente a este processo de avaliação, e tendo em conta a opinião dos alunos, Merchán investigou as relações entre estudantes e professores no ensino secundário, desde uma perspectiva prática do ensino da História. Para este autor, o colectivo discente condiciona a actuação dos docentes e, desta forma, as características do conhecimento que manifestam, assim como o tipo de tarefas desenvolvidas nas aulas. Esta influencia é recíproca, produzindo-se também no sentido

inverso (dos docentes para os alunos). Mas isso não é tudo; as suas investigações também salientam que as explicações do professor juntamente com os trabalhos do aluno (e o exame), constituem a maior parte das aulas de História. A avaliação assume, neste âmbito, grande protagonismo, convertendo-se o exame numa referência capaz de modificar a actividade na aula.

Trepat (2008) e Insa (2008) analisaram as provas de avaliação objectiva, obtendo dados que demonstram que o seu uso favorece as aprendizagens, convertendo-se num instrumento didáctico importante e de melhoria dos resultados académicos no ensino da História.

Como mencionado anteriormente, interessa-nos conhecer as *impressões dos alunos* relativamente a que, para quê, e como o docente avalia. Logicamente, ao recolher as apreciações dos estudantes acerca da avaliação das aprendizagens, também estamos a recolher a sua opinião acerca do ensino dos docentes. O instrumento seleccionado para obter estas informações foi o questionário. Os questionários são mais adequados, em nosso entender, para reunir informação de um elevado número de sujeitos, mas também para a análise dos resultados. Além disso, podem ser auto-administrados, são mais económicos e diminui a proporção de respostas perdidas que outros instrumentos ofereceriam, inclusivamente quando nos referimos a um conceito tão sensível como é o da avaliação, fundamentalmente pelas consequências que podem ter no âmbito educativo.

## **Metodologia**

Esta investigação foi precedida de um estudo prévio e necessário acerca do desenho e validação da ferramenta utilizada para obtenção dos dados. Trata-se de uma escala denominada, genericamente, como Escala de Percepção da Avaliação em Geografia e História (EPEGEHI-1), que recolhe as impressões dos alunos do 3º e 4º ano do ensino secundário obrigatório que, acerca do processo de avaliação, habitualmente seguem na matéria de Ciências Sociais, Geografia e História.

Nesta comunicação, incluímos alguns dados procedentes dos questionários que se aplicaram depois de realizada a terceira avaliação (durante a 2ª e 3ª semanas de Junho). Além disso, para podermos levar a cabo esta investigação, e aproximar-nos dos centros educativos que conosco colaboraram, obedecemos ao seguinte protocolo:~

- Pedido de autorização á administração educativa competente em matéria de educação (Conselho de Educação) para a aplicação do questionário aos alunos do 3º e 4º ano do ESO.
- Informação aos centros correspondentes acerca da investigação a realizar.

- Reuniões e entrevistas com os professores implicados e com os coordenadores do projecto nos centros.
- Validação do questionário com auxílio de especialistas e aplicação em grupos-piloto.
- Correção do questionário de acordo com os dados obtidos para a sua validação.
- Envio dos questionários corrigidos às escolas, preenchimento por parte dos alunos e recolha dos mesmos.
- Organização dos questionários de acordo com os centros e digitalização dos mesmos.
- Tratamento estatístico dos dados na sua primeira fase.

O desenho e validação da EPEGEHI-1, iniciado em 2009, foi levada a cabo seguindo três etapas: construção dos itens, análise de juízes e validação do instrumento de recolha de informação. Em cada uma destas fases, utilizamos diferentes procedimentos: cenários e informadores-chave envolvidos na investigação. Uma vez realizada a análise factorial da escala, no seu conjunto, agruparam-se os itens num total de 12 factores e 57 variáveis. Através de uma combinação de amostragem mista, que inclui a amostragem aleatória simples e por conveniência, aplicámos a escala a uma amostra superior a um milhar de estudantes, todos eles pertencentes a centros públicos de educação de ensino secundário obrigatório da região de Múrcia. Depois de eliminar todos os questionários que apresentavam erros, a mostra final ficou composta por 1078 sujeitos. De seguida, apresentamos uma análise dos dados descritivos daquelas variáveis que, pela sua relevância, consideramos oportuno mostrar neste trabalho.

## **Resultados**

De entre os dados obtidos, que nos podem ajudar a compreender a amostra utilizada interessa, em primeiro lugar, referir os relativos aos centros e estudantes participantes. A participação dos alunos é diversificada, dependendo da magnitude do centro e da implicação dos docentes, constatando, na realidade, a participação mínima de um grupo de cada nível em cada centro educativo. Nesse sentido, a tabela seguinte (T.1) apresenta a mostra final agrupada em função dos centros de procedência.

<i>CENTRO</i>	<i>ALUNOS</i>	<i>PERCENTAGEM</i>	<i>PERCENTAGEM VÁLIDA</i>	<i>PERCENTAGEM ACUMULADA</i>
---------------	---------------	--------------------	-------------------------------	----------------------------------

“Infante D. Juan Manuel” de Murcia	176	16,3	16,3	16,3
“Virgen del Pasico” de Torre Pacheco	83	7,7	7,7	24,0
“Salvador Sandoval” de Las Torres de Cotillas	37	3,4	3,4	27,5
“Antonio Menárguez Costa” de Los Alcázares	47	4,4	4,4	31,8
“Valle de Leiva” de Totana	105	9,7	9,7	41,6
“Saavedra Fajardo” de Murcia	112	10,4	10,4	51,9
“Vega del Tháder” de Molina de Segura	20	1,9	1,9	53,8
“Villa de Abarán” de Abarán	152	14,1	14,1	67,9
“Miguel de Cervantes” de Murcia	29	2,7	2,7	70,6
“Luis Manzanares” de Torre Pacheco	38	3,5	3,5	74,1
“Ramón Arcas Meca” de Lorca	279	25,9	25,9	100,0
<b>Total</b>	<b>1078</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

*Tabela 1. Centros*

Relativamente ao género, a amostra apresenta uma proporção total de sujeitos ligeiramente superior de mulheres (52,8%), comparativamente ao número de homens (47,2%) (T.2).

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM	PERCENTAGEM VÁLIDA	PERCENTAGEM ACUMULADA
Válidos	Mulher	567	52,6	52,8	52,8
	Homem	507	47,0	47,2	100,0
	Total	1074	99,6	100,0	
Perdidos	Sistema	4	,4		
Total		1078	100,0		

*Tabela 2. Sexo*

A variável “nível” (3º ou 4º) é semelhante á do “sexo”, pois encontramos 56% da amostra pertencente ao 3º e 44% que estudava no 4º 4ano de ESO. Um dado interessante para este estudo foi o numero de alunos repetentes (T.3 e T.4), pois cerca de um quarto da amostra (24,1%) encontrava-se a repetir o curso. Este facto parece ser interessante para esta investigação, uma vez que reflecte uma elevada percentagem do chamado “fracasso escolar”, problema acerca do qual poderemos fazer algumas contribuições construtivas.

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM	PERCENTAGEM VÁLIDA	PERCENTAGEM ACUMULADA
Válidos	SIM	260	24,1	24,2	24,2
	NÃO	813	75,4	75,8	100,0
	Total	1073	99,5	100,0	
Perdidos	Sistema	5	,5		
Total		1078	100,0		

*Tabela 3. Repetentes*

	V_07 -- Repetentes		Total	Percentagem válida	
	SÍ	NO			
Curso	3.º	140	460	600	23,3%
	4.º	120	353	473	25,36%
Total		260	813	1073	

*Tabela 4. Repetentes por curso*

Outra das variáveis interessantes neste estudo foi, sem dúvida, a variável 15 que nos oferece informação acerca das classificações obtidas pelos alunos na matéria de Ciências Sociais, Geografia e História durante o presente curso (1ª e 2ª avaliação) e o precedente (1ª, 2ª e 3ª avaliação) (T.5). Além disso, também recolhemos informação acerca da expectativa de classificação que os alunos esperavam alcançar na terceira avaliação.

	N	Mínimo	Máximo	Media	Desv. tip.
Notas obtidas neste curso na 1ª avaliação	1068	4,0	9,5	6,460	1,7546
Notas obtidas neste curso na 2ª avaliação	1053	4,0	9,5	6,622	1,8048
Notas obtidas no curso anterior na 1ª avaliação	1060	4,0	9,5	6,707	1,7297
Notas obtidas no curso anterior na 2ª avaliação	1046	4,0	9,5	6,871	1,7164
Notas obtidas no curso anterior na 3ª avaliação	1047	4,0	9,5	7,027	1,7062
Expectativa de obtenção de nota neste curso na avaliação final	961	4,0	9,5	7,006	1,5210
N. Válido (de acordo com a lista)	920				

*Tabela 5. Notas obtidas na materia durante o curso actual e imediatamente anterior*

Como podemos verificar, a média situou-se entre 6,4 e 7,0, com um desvio-padrão muito pequeno relativamente a todos os momentos de avaliação. No entanto, e tendo em consideração as expectativas da avaliação futura, os dados apresentados nesta tabela são um tanto surpreendentes tendo em conta a existência de 24,1% de reprovados.

A variável 8 permite agrupar aos estudantes em função do programa a que pertencem. Neste sentido, face aos 72,4% de estudantes que não pertencem a nenhum grupo específico, temos 26,8% dos alunos que frequentam algum dos diferentes programas, tal como podemos verificar na tabela 6 (T.6).

	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM	PERCENTAGEM VÁLIDA	PERCENTAGEM ACUMULADA
Compensatória	12	1,1	1,1	1,1
Diversificação Curricular	70	6,5	6,5	7,6
Integração	2	,2	,2	7,8
Aprofundamento	55	5,1	5,1	12,9
Bilingue Inglês	61	5,7	5,7	18,6
Bilingue Francês	61	5,7	5,7	24,2
Bilingue Alemão	3	,3	,3	24,5
Outros	25	2,3	2,3	26,8
Não pertence a nenhum programa específico	781	72,4	72,4	99,3

Perdidos pelo sistema	8	,7	,7	100,0
Total	1078	100,0	100,0	

*Tabela 6. Programa específico a que pertencem*

A variável 17 relaciona-se com a consideração dos alunos relativamente a relação directa entre exame e classificação final (T.7.). De acordo com este estudo, os alunos consideram, na sua maioria (88,1%) que o exame supõe uma maior percentagem na classificação final desta matéria. Por outro lado, também consideram que se for tida em conta, na hora de classificar, a participação e as perguntas realizadas na aula, os trabalhos realizados fora dela, o comportamento e a atitude, assim como as actividades realizadas na aula (todo isto com uma importância inferior ao exame).

		Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válido	Porcentaje acumulado
Válidos	SÍ	944	87,6	88,1	88,1
	NO	127	11,8	11,9	100,0
	Total	1071	99,4	100,0	
Perdidos	Sistema	7	,6		
Total		1078	100,0		

*Tabela 7. O exame supõe a maior percentagem na classificação final*

A variável 22 apresenta os dados relativos a dedicação do aluno relativamente ao tempo e hábitos de estudo com relação a preparação da prova-rainha na avaliação (o exame). Tal como se pode observar na figura 8, uma percentagem reduzida de alunos (5,1%) apresenta-se no exame sem previamente ter estudado. Quase metade deles, apenas inicia o seu estudo uns dias antes do exame (49,8%). Destacam-se, também, 29% dos alunos que iniciam os seus estudos um dia antes do exame. Por algum motivo, uma percentagem mínima (1,8%) prepara o exame de forma continuada ao longo de todo o curso. Quer isto dizer que aquilo que consideramos necessário se produz em menor quantidade, em quanto que aquilo que é definido nos manuais como tratando-se das piores situações, aparece com uma frequência crescente.

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válido	Porcentaje acumulado
Não estudo antes do exame: apresento-me sem estudar	55	5,1	5,1	5,1
Para o exame apenas estudo no dia antes	311	28,8	29,0	34,1
Para o exame estudo uns dias antes.	535	49,6	49,8	83,9
Para o exame estudo a partir da semana anterior ao mesmo.	131	12,2	12,2	96,1
Para o exame estudo semanalmente desde o início do curso.	23	2,1	2,1	98,2
Para o exame estudo diariamente, desde o início do curso.	19	1,8	1,8	100,0
Total	1074	99,6	100,0	
Perdidos Sistema	4	,4		
Total	1078	100,0		

*Tabela 8. Tempo e hábito de estudo para a preparação do exame*

Os dados da tabela 8 (T.8) relacionam-se, também, com a variável 23 que trata da dedicação (em horas) ao estudo semanal para esta matéria. Os dados agrupam-se nas categorias de dedicação nula (7,6%), menos de uma hora (19,9%), uma hora (20,9%), 1,5 horas (25,7%), 2,5 horas (16,3%), 3,5 horas (7%) e mais de 4 horas (2,9%). As justificações que os alunos apresentam sobre a sua dedicação ao estudo desta matéria, recolhidas na variável 24 (T.9), respondem a quatro grandes categorias: o facto de gostarem da disciplina (15,3%); o facto de com esse tempo conseguir a nota desejada (24,2%); o facto de que essa dedicação lhes confere a possibilidade de aprovação (31,5) e; o facto de assim evitar esquecimentos antes o exame (29,1%).

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válido	Porcentaje acumulado
Gosto da disciplina	161	14,9	15,3	15,3
Serve-me para obter a classificação que pretendo	255	23,7	24,2	39,4
Basta-me para aprovação	332	30,8	31,5	70,9
Para que não me esqueça antes do exame.	307	28,5	29,1	100,0
Total	1055	97,9	100,0	
Perdidos Sistema	23	2,1		
Total	1078	100,0		

*Tabela 9. Dedico esse tempo a estudar a disciplina porque...*

## Conclusões

Como conclusões relevantes durante esta fase do projecto, e relativamente a esta fase da comunicação, podemos referir as seguintes:

- O exame continua a ser, assumidamente, o instrumento com mais importância na avaliação dos alunos de Ciências Sociais, Geografia e História do 3º e 4º ano do ESO.
- O colectivo discente está consciente e conhecedor da grande importância que se dá ao exame.

- O numero de alunos que estuda apenas para a obtenção da aprovação é bastante superior ao que se preocupa em não esquecer de nada antes do exame e aquele que o faz por gostar da matéria.
- No obstante, a maioria começa a preparação do exame uns dias antes.
- A percentagem de alunos que estudam diária ou semanalmente desde o inicio de curso, não supera os 4%.
- Apesar de tudo, os estudantes são optimistas acerca da nota que podem obter nos exames, mesmo que apenas uma quarta parte estuda duas horas ou mais por semana.

Além destas conclusões, ao finalizar a investigação poderemos fornecer informações acerca de aspectos importantes como:

- Conhecer como é o exame (prova objectiva, desenvolvimento, interpretação, comentários, etc.).
- Que tipo de questões são colocadas.
- Que metodologia se utiliza.
- Como são integrados os conteúdos nos processos de ensino-aprendizagem e o seu tratamento no exame.

### **Referências Bibliográficas**

- Cercadillo, L. (2001). Significance in history: students' ideas in England and Spain. In A. Dickinson, P. Gordon & P. Lee (eds.). *Raising Standards in History Education. International Review of History Education*, vol. 3, pp. 116-145.
- Cercadillo, L. (2002). Los alumnos de secundaria y sus ideas sobre conceptos históricos estructurales. *Íber. Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia*, 31, pp. 87-102.
- Cercadillo, L. (2004). Las ideas de los alumnos sobre lo que es verdad en historia. *Enseñanza de las Ciencias Sociales. Revista de investigación*, 3, pp. 3-14.
- Fuentes, C. (2003). ¿Qué visión tienen los alumnos de la historia como campo de conocimiento y como materia escolar? *Íber. Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia*, 36, pp. 78-88.

- Fuentes, C. (2004). Concepciones de los alumnos sobre la Historia. *Enseñanza de las Ciencias Sociales. Revista de investigación*, 3, pp. 75-83.
- Insa, Y. (2008). L'avaluació de correcció objectiva com a instrument didàctic per a l'eficiència en l'aprenentatge de la Història. Universitat de Barcelona. Tesis doctoral inédita.
- López, R. (1993). Aproximación a la evaluación de las Ciencias Sociales en la Enseñanza Secundaria. En Aula Sete (coord.). *Proyectos Curriculares de Ciencias Sociales*. Santiago de Compostela: ICE, pp. 183-208.
- López, R. (1994). Evaluación en ciencias sociales. En Armas, X. (coord.). *Enseñar e aprender historia na educación secundaria*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, pp. 123-154.
- López, R. (1997). La práctica de la evaluación aplicada al área de Ciencias Sociales en la enseñanza secundaria. En Salmerón, H. (ed.). *Evaluación educativa. Teoría, metodología y aplicaciones en áreas de conocimiento*. Granada: Grupo Editorial Universitario, vol. 1, pp. 371-397.
- Merchán, F. J. (2001). El examen en la enseñanza de la historia. *Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales*, 15, pp. 3-21.
- Merchán, F. J. (2002). El estudio de la clase de historia como campo de producción del currículo. *Enseñanza de las Ciencias Sociales. Revista de investigación*, 1, pp. 41-54.
- Merchán, F. J. (2005). *Enseñanza, examen y control: profesores y alumnos en la clase de historia*. Barcelona: Octaedro.
- Merchán, F. J. (2007). El papel de los alumnos en la clase de historia como agentes de la práctica de la enseñanza. *Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales*, 21, pp. 33-51.
- Santos, M. Á. (1993). *La evaluación: un proceso de diálogo, comprensión y mejora*. Málaga: Aljibe.
- Trepat, C. A. e Insa, Y. (2008). La evaluación de corrección objetiva como instrumento de mejora en el aprendizaje de la Historia en Bachillerato. *Enseñanza de las Ciencias Sociales. Revista de investigación*, 7, pp. 57-75.

